

Índice

Prólogo	9
Lógica do Poder	11
Semântica do Poder	35
Metafísica do Poder	59
Política do Poder	83
Ética do Poder	105

Lógica do Poder

Por “poder” costuma entender-se a seguinte relação causal: o poder do eu é a causa que ocasiona no outro um determinado comportamento contra a sua vontade. O poder torna o eu capaz de impor as *suas* decisões sem necessidade de ter em conta o outro. O poder do eu restringe a liberdade do outro. O outro sofre a vontade do eu como alguma coisa que resulta ser-lhe alheia. Esta noção habitual de poder não presta justiça à sua complexidade.

O acontecimento do poder não se esgota no intuito de vencer a resistência ou de forçar uma obediência. O poder não tem necessidade de assumir a forma de uma coerção. O facto de poder forjar-se uma vontade contrária que enfrente o soberano testemunha a fraqueza do seu poder. Quanto mais poderoso é o poder, *mais secretamente* opera. Quando tem de insistir expressamente na sua própria afirmação, ei-lo já enfraquecido². O poder também não consiste na “neutralização da vontade”³.

2 Ulrich Beck tem razão quando diz: “A evidência, o esquecimento e a grandeza do poder correlacionam-se positivamente. Pode dizer-se que o poder está inquestionavelmente aí onde ninguém fala de poder, e que a segurança e a grandeza acompanham a sua inquestionabilidade. Quando o poder se transforma em tema, começa a sua desintegração.” U. Beck, *Macht und Gegenmacht im globalen Zeitalter. Neue weltpolitische Ökonomie*, Frankfurt, 2002, p. 105.

3 Cf. N. Luhmann, *Macht*, Estugarda, 1975, p. 11 e sgs.: “Precisamente a existência de uma inclinação do poder e de uma decisão tomada como ato de poder e que se pode antecipar [...] de facto faz que se torne para o súbdito absurdo forçar uma vontade. E é

A neutralização da vontade consiste em que, existindo do lado do súbdito uma inclinação do poder, não chega a forjar-se no súbdito uma vontade própria, uma vez que, de todos os modos, ele tem de se moldar segundo a vontade do soberano. O soberano dirige-o quando o súbdito tem de escolher as possibilidades da sua ação. Mas há igualmente formas de poder que vão para lá desta “neutralização da vontade”.

Há um sinal de poder superior quando o súbdito *quer* expressamente, por si mesmo, o que quer o soberano: quando o súbdito obedece à vontade do soberano *como se fosse a sua própria vontade* — ou até mesmo a *antecipa*. Bem vistas as coisas, aquilo que o súbdito faria *de todos os modos*, pode sublimá-lo, transformando-o em conteúdo da vontade do soberano, realizando-o sob a forma de um “sim” enfático endereçado ao soberano. É assim que, no meio do poder, o mesmo conteúdo da ação obtém uma forma diferente pelo facto de o súbdito afirmar o fazer do soberano ou o assimilar como se fosse o seu *próprio* fazer. Quer dizer, o poder é um *fenómeno de forma*. O aspeto decisivo é o de *como se motiva* uma ação. A frase que expressa a presença no espaço de um poder superior não é “seja como for, tenho de o fazer”, mas “quero fazê-lo”. A resposta a um poder superior não é a negativa interior, mas a afirmação enfática.⁴ A causalidade não pode descrever adequadamente a res-

nisso justamente que consiste a função do poder: assegurar a possibilidade de concatenações de efeitos independentemente da vontade de quem age submetido ao poder, quer o queira e quer não. A causalidade do poder consiste em neutralizar a vontade do súbdito, mas não forçosamente em vencê-la. A causalidade do poder alcança também o súbdito e precisamente quando ele deveria agir com a sua própria intenção e, ao fazê-lo, se dá conta de que, seja como for, é isso que tem de fazer.”

4 Pelo contrário, se se equiparar o poder à coerção e à opressão, então, interpretá-lo-emos como a capacidade de dizer “não”. Mas, desse modo, não se considera o bastante que, na realidade, o “sim” é a expressão de um poder superior. O “sim” não resulta necessariamente da impotência. Cf. W. Sofsky e R. Paris, *Figurationen sozialer Macht. Autorität-Stellvertretung-Koalition*, Frankfurt, 1994, p. 9: “Uma sociedade sem poder seria uma sociedade de pessoas que só diriam ‘sim’. Quem quisesse eliminá-la teria de privar todos da possibilidade de dizerem ‘não’. Porque o agir de alguém termina na resistência de outrem, na sua autonomia e na sua liberdade — que não é possível iludir — no momento em que pode fazer alguma coisa diferente daquilo que se espera que faça. É contra isso que o poder age. O poder aumenta a liberdade de alguém contra

posta em causa, porque o poder não funciona aqui como um impulso mecânico que se limita a desviar um corpo da direção original do seu percurso, mas antes como um campo em cujo interior esse corpo se move em *liberdade*.

O modelo da coerção não presta justiça à complexidade do poder. O poder como coerção consiste em impor decisões próprias *contra* a vontade do outro. Mostra um grau de intermediação muito reduzido. O eu e o outro comportam-se em termos antagónicos. O eu já não é recebido na *alma* do outro. Pelo contrário, o poder que não opera *contra* o projeto de ação do outro, mas *a partir dele*, contém um grau de intermediação muito maior.

Um poder superior é um poder que configura o futuro do outro e não um poder que o bloqueia. Em vez de proceder contra uma determinada ação do outro, o poder influi ou trabalha sobre o meio que rodeia a ação ou sobre os preliminares da ação de outrem, de modo que este se decide *voluntariamente* — e também sem sanções negativas — pelo que corresponde à vontade do eu. Sem qualquer exercício de poder, o soberano ocupa o seu lugar na *alma* de outrem.

O modelo da causalidade não é capaz de descrever relações complexas. A vida orgânica subtrai-se à relação de causalidade. Ao contrário da coisa inanimada e passiva, o organismo não permite, sem mais, que a causa exterior venha repercutir-se nele sem a sua intervenção. É antes *com autonomia* que reage à causa. É justamente uma tal capacidade de resposta autónoma à motivação externa que caracteriza o orgânico. Pelo contrário, uma coisa inanimada não *responde*.

A qualidade peculiar do ser vivo consiste em interromper a causa exterior, transformando-a e fazendo começar em si alguma coisa de novo. Por exemplo, embora o ser vivo necessite de alimento, o alimento não é a causa da sua vida. Supondo que aqui se possa ainda falar em geral de causa, então é o próprio

a de outrem, vencendo o seu 'não' e negando a sua liberdade. O poder é a liberdade de destruir a liberdade."